

OS FANTASMAS DO VINHO

Quando chegou a manhã e da cama revolta te levantas,
contemplas com os olhos grudados, trémulos,
as conhecidas paredes familiares, os acumulados livros,
fotografias e lembranças que, silenciosos, acompanham o teu
agreste despertar.

Soam ainda nos teus ouvidos ardentes músicas,
gargalhadas frenéticas, frases supostamente lúcidas.
Ainda podes ver rostos que circulam na penumbra, luminosos
recantos,

e sentir em quente vizinhança os húmidos lábios,
a suave pele que tua mão de leve tocara.
Tudo aquilo que o pesado torpor, definitivamente, desfez.
Já de pé, vacilante, impreciso,

por um momento afastas-te das coisas,
realidades e sonhos separam-se, confundem,
e através do teu peito, da tua testa,
dançam, geladas sombras, os fantasmas do vinho.

Como um tapete espesso e cor de cinza
pelo chão espalha-se a tristeza,
o esplendor em náuseas se transforma
e o que foi paixão é um fato amarrotado,
o fato azul que está sobre a cadeira.

Em breve a água resvalará pelo teu corpo
e palavras, trabalho hão-de tirar-te sem esforço do abismo.
Outro dia, mais um, vestirá os teus ossos
e o protocolo da compreensão perdoará as tuas leves faltas.
Os fantasmas do vinho, escondidos em tenaz espera,
o seu seguro ensejo, o seu renascer aguardarão:
Já os conheces, também conheces o seu poder,
sabes que esse instante, poderoso e breve,
em que te afundas, sem amarras te aproximás

dos que tua insegura verdade, tua impotência cercada e extrema
partilham,
há-de voltar. Mas não te importes,
entrega-te, impuro e por isso mesmo limpo,
mostra as cegas frinchas do teu coração, as suas trémulas
brechas.

Paga depois o preço estipulado e esquece-os,
nem louvados nem ímpios, fantasmas
de uma noite, tecidos de humana solidão,
doloroso testemunho que o amanhecer te traz
e que fugitivos, agora, vês perderem-se, diluïrem-se na distância.

POETA DE ALEXANDRIA

Ninguém acompanha, quando cai a tarde,
a sua solidão.

Mão alguma empresta fugitivo calor
a quem dele tanto precisa
e que lento caminha, o olhar perdido,
para o lugar onde a luz de agosto
ainda o protege.

Das ruas estreitas
chega um cheiro, elementar e penetrante,
de alimentos e corpos,
noutro tempo apreciados.
Leve, o seu passo
perde-se entre o inquieto murmúrio
de músicas e vozes.

Esta é a cidade que tanto amou,
cujas pedras e árvores,
minaretes e praças,
debaixo do pesado sol do meio-dia
ou à claridade trémula das estrelas
conheceu tal como hoje os seus sonhos.

Continua a avançar,
desconhecido,
ignorado por aqueles
que um dia os seus lábios lhe entregaram,
a sua tristeza, o seu desejo fizeram seus.

O vermelho resplendor, por um momento,
sobre a espuma se detém.
Já cinzento depois,

empalidece no cansaço das rochas,
resvala pelas janelas abertas ao crepúsculo.

Um ligeiro tremor,
a transparente sombra de uma lágrima,
agora que por fim se deteve,
fazem mais vencida,
mais frágil a sua figura.

Não importa
ou talvez importe demasiado.
Konstandinos Kavafis
vê chegar a noite,
a escuridão, diante do mar.

O QUE RESTA DEPOIS DOS VIOLINOS

O que resta depois dos violinos.

XAVIER ABRIL

Quando te esqueceres do meu nome,
quando o meu corpo for apenas uma sombra
a apagar-se entre as húmidas paredes daquele quarto.
Quando já não te chegar o eco da minha voz
nem ressoarem as minhas palavras,
então, peço-te que te lembres de que fomos
uma tarde, umas horas, felizes juntos e foi belo viver.
Era um domingo em Hampstead, com a frágil primavera de
abril
pousada sobre os rebentos dos castanheiros.
Passavam para a igreja apressadas freiras irlandesas,
crianças, endomingadas e bisonhas, pela mão.
Em cima, atrás das sebes, na verde penumbra do parque,
dois homens beijavam-se lentamente.
Tu chegaste, sem que me desse conta apareceste e começámos a
falar,
tropeçávamos de riso nas palavras, balbuciávamos
no estranho idioma que nem a ti nem a mim pertencia.
De seguida fizeste-te pequena nos meus braços
e a erva acolheu os teus cabelos escuros.
Depois as escadas sombrias, longas e estreitas,
o tapete com cinza e com gordura,
os teus pequenos seios desolados na minha boca.
Sim, às vezes é simples e é belo viver,
quero que recordes, que não esqueças
a passagem daquelas horas, o seu esperançado resplendor.
Eu também, longe de ti, quando perdida na memória